RÉQUIEM



BIANCA SOUSA

Réquiem

—

Bianca Sousa

2017

Título: Réquiem

Autora: Bianca Sousa

1ª Edição - São Paulo, Brasil

Copyright © Bianca Sousa, 2017

Revisão: Camila Fernandes

Diagramação e Capa: Da autora

Qualquer tipo de reprodução ou cópia sem autorização prévia e por escrito da autora está proibida. Direitos autorais de Bianca Sousa.

Ebook original somente na Amazon Kindle e lojas virtuais autorizadas.
Denuncie pirataria: biancasousautora@gmail.com

Estava escondido havia algumas horas, supunha.

O cheiro doce de flores dos mais variados tipos misturado ao da cera de vela derretida não ajudava em nada no controle do enjoo. Principalmente quando a dor vinha.

E ela vinha com tudo.

— Aaaaaaaargh!

Ouvir meus próprios grunhidos de dor também não ajudava, mas aliviava a tensão. Agarrava-me em posição fetal quando era acometido por pontadas agudas sem explicação. Como caminhos abertos sem permissão pela espada de um bandeirante, meu corpo era dilacerado de dentro para fora.

Sentia os músculos sendo rasgados enquanto a pele tinha o mesmo fim trágico, desfiada sem dó por uma força invisível. Não havia ninguém naquela sala, somente eu e a dor interminável. Quando esta estava para findar, abrandava, mas só um pouco, para meu total desespero, pois era o prenúncio de que o pior viria a seguir. A sensação horrenda dos ossos sendo triturados como se uma grande mão os moldasse a seu bel-prazer, para fazer de mim uma nova criatura. A dor era tamanha que, além de revirar os olhos para dentro da órbita quase que por completo, eu sempre desmaiava ao final.

Acordava minutos depois, como agora.

Confuso, dolorido e à espera da próxima sessão de dor, não tinha ideia de quando esta viria novamente, mas, quando viesse, seria com tudo.

Sentei-me no chão gelado. Notei que era de lajotas brancas e desgastadas pelo tempo, além dos produtos de limpeza que obviamente eram utilizados para manter o local tão branco. As paredes de tijolinhos pecaminosamente cobertas de tinta branca deveriam ser consideradas um crime contra a humanidade. Além da pintura malfeita, uma capela mortuária como aquela tinha todo o histórico arquitetônico da cidade. Por isso — e também

porque o sol estava alto naquele instante —, meus olhos lacrimejaram. As janelas de estilo gótico não continham mais os vitrais bonitos de antigamente, agora eram vidros transparentes comuns. Vítima de arruaceiros, as janelas foram quebradas muitos anos atrás. Sou professor universitário de História da Arte e, sensibilizado pelo que vi, tentei recolher assinaturas suficientes para levar à prefeitura e convencê-los da importância histórica da construção, assim como a de todo o cemitério, mas meu pedido foi indeferido e as janelas repostas de qualquer jeito.

Agora os velórios eram feitos sem o brilho mágico dos vitrais que de certa forma acalentava a alma despedaçada de quem perdia um ente querido. Agora os parentes desolados eram obrigados a encarar a dura realidade do lado de fora. Se chovia ou fazia sol, pouco importava, o mundo continuava girando lá fora e a pessoa em luto ficava bem ciente desse fato.

Tais pensamentos me trouxeram a razão de estar ali, no cemitério, mas não explicaram o porquê de estar escondido nem com dor.

Tateei o chão em busca dos meus óculos de grau. Eu enxergava borrões sem eles, motivo pelo qual minha confusão se fazia ainda maior. As imagens tinham forma, mas eram difusas. Sabia estar na capela mortuária, pois já estive lá antes incontáveis vezes. A trabalho. A luto.

Primeiro, perdi minha mãe quando ainda era menino, 17 anos na época. Naquele dia de abril fazia sol lá fora como se o mundo não desse a mínima para meu pranto, mas dentro da capela mortuária os raios de sol faziam os vitrais parecerem mágicos, sublimando minha dor para algo a mais.

Naquele dia de abril, descobri algumas verdades. A primeira delas era a de que um homem se forja na dor. Eu estava sozinho agora. Nunca tive pai, embora tivesse algumas suspeitas. A segunda verdade era exatamente esta. A paternidade. Amadeus. Esse é meu nome de batismo. Mamãe vivia enfurnada na igreja, era dessas católicas fervorosas e tocava órgão em toda missa, dizia se sentir próxima a Deus quando o fazia. Nunca duvidei do amor de minha mãe por

seu Deus, mas no enterro ficou claro para mim que era também outro tipo de amor que motivava suas idas constantes à igreja.

Quando o padre iniciou a missa ele tinha os olhos lacrimejantes e tropeçou em algumas palavras devido às lágrimas que caíram. Padre Antônio nunca chorou em réquiem algum. Ele se levava a sério demais para se deixar abalar por sentimentos tão mundanos. Entretanto, eu reconhecia aquela dor no olhar dele. Era a minha.

Amadeus.

Era esse meu nome. O que eles fizeram, aos olhos dos homens, era considerado pecado, mas aos olhos de Deus podia não ser. Preferia essa versão.

Amadeus.

Professor Universitário de História da Arte.

Esse era eu.

Minhas mãos esbarraram em uma poça de água suja. Fiz uma careta de nojo involuntária, limpando-as depressa no casaco bege que sempre usava, quando me dei conta da espessura do líquido.

Trouxe-o próximo aos olhos para ver melhor mesmo sem os óculos. Minha mão estava cor de vinho, viscosa e morna.

Dei um pulo de onde estava e me espremi contra a parede, o coração acelerado.

Havia uma poça de sangue enorme onde eu estava.

Seria meu?

O desespero ameaçou emergir com tudo, mas me contive. Fiz uma inspeção rápida pelo corpo. Ainda que não estivesse enxergando direito, tudo parecia em seu devido lugar, apesar da dor que sentia de tempos em tempos. Mas foi ao averiguar o pescoço que arregalei os olhos em sinal de pavor.

Faltava-me um pedaço da carne.

Meus dedos trêmulos adentraram o pescoço, senti os músculos expostos e molhados de sangue, senti os tendões... COMO ESTAVA VIVO COM UM

FERIMENTO DESSES???

Obriguei-me a ser lógico e passei a procurar os óculos com mais afinco pelo chão. Uma vez que o suposto sangue era meu, não tinha mais tanto nojo, embora o medo aumentasse conforme os segundos passavam e imagens assustadoras de repente começavam a se projetar na minha mente.

Aquilo não podia ser real. NÃO PODIA!

Memórias desagradáveis e violentas, eu diria *irreais*, brotavam em minha mente, uma seguida da outra, impedindo-me de racionar direito ou de continuar procurando por meus óculos.

Eu coletava material de estudo para a aula que daria na semana seguinte, como de praxe. Gostava de me manter atualizado. Era bem perfeccionista quando se tratava de trabalho.

Olhei para o céu de outono que entardecia mais rápido do que o normal e apressei-me a terminar as anotações. Já tinha tirado todas as fotos de que precisava e assim que chegasse em casa montaria os slides comparando as fotos de antes com as de agora. O intuito era mostrar aos alunos que não importa quanto tempo passe, a aura de uma obra de arte é eterna.

E, na minha opinião pessoal, a arte sepulcral tem muito dessa aura mágica que interliga os mundos dos vivos e dos mortos, algo que me causa profundo fascínio.

Anos após a morte da minha mãe, conheci o amor romântico. Não da forma convencional como fui doutrinado, mas ele veio. Um homem tão lindo quanto inteligente e bondoso. Não tive como não me apaixonar por ele, mas, assim como mamãe amou em segredo, achei que não seria um erro fazer o mesmo. Aos meus olhos, e esperava que aos olhos de Deus também, aquilo que compartilhávamos era amor.

E foi amor até o dia em que a morte nos separou.

Pela segunda vez na vida, sofri. Senti-me miserável e pequeno. Tão ridiculamente humano. Talvez tanto eu quanto mamãe estivéssemos errados no

final das contas. Talvez *eu* não merecesse ser feliz.

Maldisse a morte tantas vezes que cheguei a crer que fosse o mal do mundo. Contudo, os anos que se sucederam me trouxeram a maturidade e com ela o entendimento de como as coisas são.

Era um mal necessário. Era natural e cruel. O ciclo da vida se fazendo valer. Aceitei que todo fim encontrava seu recomeço e nessa poesia vislumbrei um novo sentido para a morte. Decidi então persegui-la; assim, quando chegasse minha hora, eu a encararia de frente e diria: “Há quanto tempo espero por você?”

O vento uivou mais forte, dando-me a noção de que o sol se poria em cinco minutos ou menos, pois as sombras no cemitério já se faziam maiores. Era quase noite. Guardei meu Moleskine na maleta de couro marrom surrada, um presente *dele* que guardaria para o resto da vida. Contava com repartições maravilhosas onde eu podia guardar tudo de que precisaria durante o dia. Ele me conhecia como ninguém jamais conheceu.

A caneta com a qual escrevia, guardei num estojo próprio, pois era uma Montblanc. Só então o coloquei em um dos bolsinhos internos da maleta. Lá dentro, acabei encontrando o sanduíche que trouxe para lanche e do qual me esqueci, tão absorto estava no que fazia.

Dirigia-me para a saída do cemitério, caminhando tranquilamente pelas ruas silenciosas de esculturas que guardavam túmulos e segredos para toda a eternidade. Não ouvia nada que não fosse meu próprio passo e o uivo do vento agourento ao cair da noite. Na minha cabeça, o que se passava eram os slides que montaria assim que chegasse em casa, quando minha atenção foi capturada por um ruído incomum.

Era o grunhido rouco de um animal ferido ou coisa parecida. Em seguida, um baque surdo de metal batendo contra uma estrutura sólida. Aproximei-me do gaveteiro do cemitério, curioso e um pouco assustado.

Seriam vândalos ou só algum maluco?

Não era incomum encontrar gente realizando rituais no cemitério.

Faziam toda sorte de pedidos, alguns queriam reencontrar entes queridos que partiram dessa para melhor, outros tinham sonhos de poder e riqueza e, acredite se quiser, também havia os pedidos para conquistar o amor de alguém. Nada de novo nos desejos humanos — desde que o mundo é mundo se deseja imortalidade, poder e amor.

Apesar de nenhum método religioso ter qualquer comprovação científica, como professor de história e de arte eu conseguia ver beleza na crença alheia, mesmo que não acreditasse nela. Nesse aspecto, os credos de minha mãe eram os mesmos dessa gente: apenas crenças.

Quando dei por mim já estava diante na entrada do local onde os cadáveres eram guardados em gavetas numa parede bem alta de mármore branco e placas de aço inox escovado que identificavam quem jazia ali. Ao lado do gaveteiro também vi uma criatura pavorosa que parou o que fazia para me encarar.

Os olhos completamente negros tinham um tom de curiosidade, mas na essência eram famintos. A bocarra enorme pareceu dar um sorriso maldoso, mostrando-me as duas fileiras de dentes afiadíssimos, sujos dos cadáveres com que tinha se banqueteado antes da minha chegada. Agora, o modo como me encarava deixava claro que tinha encontrado jantar fresco.

Meu coração foi dos tranquilos 70 batimentos cardíacos por minuto para 100, como o de um maratonista em plena corrida, embora eu me encontrasse estático de tanto medo. Tinha certeza de que a criatura de corpo humanoide podia sentir. O focinho comprido como o de um lobo farejava o ar enquanto as pernas e braços lânguidos moviam-se lentos como uma aranha na própria teia. Ele todo tinha tom azulado ou verde, não sabia dizer com precisão, e era tão alto quanto magro. As costelas apareciam todas sob a fina pele que o cobria.

Uma gota de suor frio escorreu pela minha têmpora e seguiu até a ponta do queixo, demorando-se ali por preciosos instantes antes de pingar no chão e a besta me atacar.

— Aaaaaaaaaaaaaah! — gritei com toda a potência vocal que tinha.

Usei a maleta como escudo e consegui derrubá-lo para trás. As garras do bicho rasgaram o couro marrom da maleta e pensei assustado que poderia ter sido eu se meus reflexos tivessem falhado, mas não fiquei lá pranteando por muito tempo. Aproveitei para correr enquanto tinha fôlego para isso, torcendo para encontrar alguém no caminho que pudesse me ajudar.

Mal terminei o pensamento, ouvi o rugido alto e feroz vindo atrás de mim. Gritei outra vez na vã esperança de que alguém pudesse me ouvir. Corri ainda mais rápido, agradecendo aos céus por praticar corrida todas as manhãs antes de ir à universidade dar aulas. Esperava que esse preparo físico me valesse de algo agora que mais precisava.

Arrisquei olhar por cima do ombro e o vi chegando cada vez mais perto de mim. Mãos e pernas longas que ele usava para correr de quatro como um animal selvagem davam-lhe uma vantagem descomunal sobre mim.

Eu ia morrer. *Puta merda*, eu ia morrer!!!

Morreria sendo jantar de um monstro que achava existir somente nos mitos. Um *ghoul*. Carniçal, na nossa língua portuguesa. Sorri de nervoso ao constatar que as leituras que fiz nas horas de lazer eram realistas.

"Vivem geralmente nas ruínas, de onde se lançam de repente sobre os transeuntes, a quem matam e cuja carne devoram. Quando estes faltam, vão de noite aos cemitérios para alimentar-se da carne dos mortos."

Esse trecho de “As mil e uma noites” tão malditamente pontual me assolou de repente. Em seguida, como se minha mente tivesse feito a conexão entre os dois pensamentos, lembrei-me de minha promessa: quando encontrasse com a morte, eu a olharia de frente.

Reencontrando minha coragem, respirei bem fundo e me virei, encarando a besta que fedia feito a morte. Dei com a maleta em sua cara horrenda, que rosnou de volta enquanto minhas anotações espalhavam-se por todo canto como as folhas secas da estação.

No segundo seguinte, o ghoul me mordia na jugular. Meu grito morreu na garganta, sem forças como eu estava, a vida se esvaindo...

Reabri os olhos, assombrado pelas lembranças tão violentas quanto vívidas. Toquei a ferida aberta no pescoço.

Não podia ser real!

Engoli a bile, mas o enjoo veio mesmo assim. Seguido novamente da dor excruciante que domava cada célula do meu corpo indefeso, lutando para tragar um pouco de ar; para me manter são.

Não podia ser real. Não podia ser real. Não podia ser real.

Eu repetia como um mantra, mas as últimas memórias se faziam insistentes. Meus joelhos cederam com essa constatação.

Minhas anotações perdidas por aí...

Meu rosto bateu contra o piso frio, espirrando sangue para todo lado.

Eu preciso de ajuda...

Desejava que a morte viesse rápida dessa vez, que me tirasse daquela dor excruciante que maltratava meu corpo e me impossibilitava de ser coerente.

Pai nosso, que estais no céu...

Lembro-me somente de urrar ensandecido uma última vez antes de apagar novamente.

Quando recobrei os sentidos já era noite.

Eu não sentia mais nenhuma dor. Ao contrário, sentia-me renovado, cheio de vigor e fome. Muita fome.

Meu estômago reclamou por alimento e prontamente me levantei sem dificuldades. No ar farejei um aroma doce, desconhecido. Era irresistível.

Fui até sua fonte. Encontrei no meio do cômodo um caixão aberto, cheio de crisântemos brancos e amarelos. Na porta de entrada da capela mortuária, uma coroa de flores que combinavam com as do caixão.

Aproximei-me do corpo e aspirei o cheiro. Era doce. Irresistível.

Como nunca me interessei por crisântemos antes?!

Se o gosto fosse tão bom quanto o cheiro, seria um verdadeiro manjar

dos deuses. Meu estômago protestou mais uma vez, lembrando-me da necessidade de ingerir algo. Sem pensar direito no que fazia, meti a mão no caixão. Olhei para as flores apenas para tirá-las do caminho. Arranquei o antebraço do cadáver. Foi tão fácil quanto arrancar uma coxa de frango assado. O estalar do osso foi satisfatório e fez com que salivasse em antecipação.

Levei-o à boca e dei a primeira mordida. Era duro e seco, mas em algumas partes molhado. Suculento e crocante. Tudo ao mesmo tempo.

Mas que porra estou fazendo?!, uma parte dentro de mim gritou em revolta.

Saia já daí!, essa mesma parte ordenou, mas havia outra parte agora...

A parte que dava outra mordida voraz e gostava do sabor doce da carne morta.

Eu já não era eu mesmo.

E não me importava.

A cada mordida, minha humanidade morria e eu renascia sendo o eu de agora. Ressignificando minha existência, dando novas respostas aos meus porquês e criando novas necessidades. A morte me surpreendendo mais uma vez.

Fui interrompido no meu banquete pelo grito agudo de uma mulher parada na entrada da capela mortuária. Ela tinha os olhos arregalados de pavor, o terço tremendo em suas mãos frágeis e pequenas.

Que gosto teria um corpo vivo?

Ela deu um pequeno passo para trás, eu sorri ao notar isso. Ela gritou ainda mais alto e saiu correndo em direção às pessoas que se aproximavam da capela mortuária, provavelmente para o velório daquele do qual eu me alimentava.

Rugi atiçado pelo medo dela, que se espalhava feito peste entre os presentes que ouviam os relatos desesperados da mulher.

Eu mal conseguia conter minha excitação por toda aquela carne fresca à minha disposição! Saí de onde estava, indo até o lado de fora da capela mortuária, deleitando-me com os gritos de pânico de todos ao me verem.

Era como um réquiem em sinfonia: os gritos, soluços e choros, os passos apressados que corriam para longe de mim. Era o som da morte e eu gostava disso.

Notas da autora:

Ei, você!

Obrigada por ter baixado este ebook. Se gostou da história, não deixe de postar seu comentário no site da amazon.com.br. Além de me fazer feliz, vai ajudar os leitores mais indecisos!

Escrever este conto de terror fantástico foi um presente em muitos aspectos. O prazer de me aventurar em terrenos mais sombrios se mostrou uma grata surpresa. Apesar de minhas histórias normalmente terem essa atmosfera sombria (a exceção de *O canto do cisne* que é fofura pura), com *Réquiem* pude extrair o terror que reside em nossos corações: o medo da solidão, da morte e do desconhecido.

Como de costume, também adicionei em minha história elementos de arte – sou fascinada por este tema, – neste conto, o professor Amadeus nos apresenta a arte sepulcral, normalmente representada em esculturas.

O nome *Amadeus* literalmente significa “ama a deus”. Também é o nome de *Wolfgang Amadeus Mozart*, compositor de músicas clássicas, sendo uma de suas obras mais famosas o *Réquiem*. Por sua vez, *Réquiem* (do latim *réquiem*; descanso) é uma “missa para os mortos” da Igreja Católica, oferecida para o repouso da alma.

O conceito de *Aura*, apropriado por *Walter Benjamin*, e que está presente no conto, está relacionado à autenticidade; à existência única de uma obra de arte. Portanto, ela não existe em uma reprodução. Está ligada à ideia religiosa de aura.

Dito isto, agora vem os agradecimentos:

Ao meu marido por todo o apoio de sempre. Sem ele, eu não teria chegado tão longe.

Aos leitores, sempre sedentos por novas aventuras: um obrigada gigante e um abraço quentinho!!! O interesse de vocês é motivador e a opinião muito

importante. Comentem!

Beijos.

Bianca Sousa.

Sobre a autora:

BIANCA SOUSA é escritora de Fantasia.

Autora do romance fantástico best-seller da Amazon "Eterna: o som do amor" publicado em 2014, também escreveu a releitura de um clássico em forma de comédia romântica, o livro "O canto do cisne", entre outros livros.

Adora séries, filmes, músicas e livros de todos os tipos, mas tem uma quedinha a mais por histórias de amor. Casada e mãe de dois cachorros e um gato, atualmente mora em São Paulo.

Para saber mais sobre a autora, acesse: www.biancasousa.com.br
Facebook e Instagram: @BiancaSousaAutora
E-mail: biancasousautora@gmail.com

Confira outras obras:

- Laços
- Eterna
- Eternamente sua (Spin-off de “Eterna”)
- O canto do cisne
- O dia que o Sol não nasceu (Conto)